

DESAFIOS DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM CUIDADOS PALIATIVOS: REVISÃO DE LITERATURA

Bruna Neves Dolberth ¹
Taoana Gottens Del Sent ²
Clenise Liliane Schmidt ³
Albimara Hey ⁴

RESUMO

O envelhecimento populacional e o predomínio das doenças crônicas degenerativas caracterizam-se como um desafio para os profissionais da saúde e para a sociedade, logo, é indispensável buscar formas de garantir qualidade de vida a este público. Neste sentido, os cuidados paliativos (CPs) configuram-se como uma modalidade de cuidado importante de assistência à saúde, que vem ganhando cada vez mais espaço no cenário brasileiro. Atualmente, entre 521 mil e 536 mil pessoas necessitam de CPs no Brasil. Tais cuidados tendem a ser indicados apenas na fase final da vida, quando, em um cenário idealizado, esta modalidade deveria ser realizada com todos os pacientes que apresentam alguma doença que ameace a continuidade da vida, independentemente da idade. O objetivo deste trabalho é discutir os desafios da atuação da enfermagem nos CPs a partir da revisão narrativa de literatura. Nota-se que esta prática apresenta desafios de diferentes naturezas, tais como lacunas no processo de formação dos profissionais, escassez de profissionais capacitados para atender esse público, questões relacionadas diretamente à assistência de enfermagem e ausência de diretrizes, protocolos, guias específicas para a assistência paliativa, dentre outros. Logo, é notória a necessidade debater sobre o tema, investir em planos de ensino de disciplinas específicas, capacitações e educação permanente para os profissionais que atuam em serviços que oferecem assistência paliativa, bem como a criação de diretrizes e políticas públicas para a inserção da prática nos serviços de saúde de diferentes níveis de complexidade.

Palavras-chave: Cuidados paliativos, Cuidados paliativos na terminalidade da vida, Qualidade de vida, Formação Acadêmica, Enfermagem de Cuidados Paliativos.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional e o predomínio das doenças crônicas degenerativas caracterizam-se como um desafio para os profissionais da saúde e a sociedade, uma vez que, é indispensável buscar formas de garantir qualidade de vida a este público emergente (SANTOS, *et al*, 2020). Neste cenário, os Cuidados Paliativos (CPs) configuram-se como uma modalidade de cuidado inovadora e importante de assistência à saúde.

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem do Instituto Federal do Paraná– IFPR, brunanevesdolberth@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem do Instituto Federal do Paraná– IFPR, gottemstaoana@hotmail.com;

³ Orientadora – Docente do Curso de Enfermagem do Instituto Federal do Paraná– IFPR, clenise.schmidt@ifpr.edu.br;

⁴ Orientadora – Docente do Curso de Enfermagem do Instituto Federal do Paraná– IFPR, albimara.hey@ifpr.edu.br;

A OMS define os CPs como “uma abordagem que melhora a qualidade de vida de pacientes e suas famílias que enfrentam problemas associados a doenças que ameaçam a vida”. Tais cuidados, diferenciam-se do tratamento curativo por não ter como objetivo central a cura ou controle da doença, mas sim no paciente, entendido como um ser biográfico, ativo, com direito à informação e autonomia (ISGH, 2014). A partir das intervenções busca-se controlar, evitar, aliviar a dor e outras formas de desconforto físico, emocional e espiritual, preservando em especial a dignidade humana (NUNES, 2008.; OLIVEIRA, 2016).

No cenário brasileiro essa modalidade de cuidado vem ganhando cada vez mais espaço, visto que, conforme estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 521 mil e 536 mil pessoas necessitam de CPs no Brasil. Além disso, ressalta-se que no país, entre 2018 e 2019, houve um aumento de cerca de 3% de serviços de CPs e que recentemente o país deixou a categoria 3a de CPs, caracterizada pelo oferecimento destes cuidados de maneira isolada, com financiamento fortemente dependente de ações, disponibilidade limitada de morfina e um pequeno número de serviços comparado ao tamanho da população, e passou a ocupar o nível 3b, onde a prestação dos CPs é generalizada, há fontes de financiamento, maior disponibilidade de morfina, centros de treinamento e mais serviços a disposição da população (SANTOS, *et al*, 2020).

Embora os avanços sejam notórios, destaca-se que até setembro de 2018 o Brasil não contava com nenhuma política que estruturasse ou orientasse especificamente o desenvolvimento dessa área (SANTOS, *et al*, 2020). Mas, em outubro de 2018 foi implementada a Resolução nº 41, publicada pelo Ministério da Saúde, normatizando a oferta dos CPs como parte dos cuidados continuados e integrados no âmbito do Sistema Único de Saúde.

Em termos de benefícios, os CPs proporcionam o aumento da expectativa de vida dos pacientes, melhora da qualidade de vida, controle de sintomas físicos e emocionais, e o estabelecimento de relação e comunicação mais eficaz entre pacientes, familiares e profissionais. Quanto aos benefícios para a família do paciente, pode-se citar o aumento da qualidade de vida, maior tranquilidade, paz de espírito, equilíbrio emocional, bem como a diminuição nos índices de depressão (GARCÍA, 2017).

Idealmente, esses cuidados devem ser prestados por uma equipe multidisciplinar incluindo enfermeiros, médicos, assistentes sociais, capelães, psicólogos, fisioterapeutas, etc (OLIVEIRA, 2016). Dentro deste contexto os profissionais de enfermagem possuem atuação essencial, tendo protagonismo central nesse processo, devido às características de seu trabalho e pela proximidade com o paciente e sua família (PEREIRA, *et al*, 2021). Cabe a

enfermagem o ato de cuidar, especialmente, quando o protocolo define o tratamento paliativo, nesse aspecto, a função de cuidar exige preparação específica, tanto das questões técnicas como para as psicológicas (VICENSI, *et al*, 2016). Entretanto, apesar dos grandes avanços evidenciados na prática dos CPs, na assistência diária os profissionais de enfermagem ainda encontram dificuldades/desafios de diferentes naturezas para realizar essa modalidade de cuidado com excelência (COUTO.; RODRIGUES, 2020). Portanto, o objetivo do presente estudo é identificar na literatura os desafios da assistência de enfermagem em cuidados paliativos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura de natureza descritiva, elaborada através de referencial teórico extraído de artigos de diversas espécies, os quais foram publicados nos periódicos que foram contemplados pela busca. A revisão da literatura consiste no processo de busca, análise e descrição de um determinado tema na literatura publicada, sejam eles em artigos, livros, teses, dissertações, dentre outros, considerando os materiais mais relevantes (MOREIRA, 2004).

Conforme Baek e colaboradores (2018), a revisão da literatura possui grande relevância para levantamento e análise do que já se produziu acerca de determinado assunto, evitando assim, a duplicação de pesquisas e/ou quando for do interesse do pesquisador o reaproveitamento e aplicação de pesquisas em diferentes contextos. Ainda, permite identificar possíveis falhas nos estudos já realizados, desenvolver estudos que supram as lacunas da literatura trazendo a contribuição real a um campo científico, além de possibilitar otimizar os recursos disponíveis e propor problemas, hipóteses e metodologias inovadoras em prol do campo científico e da sociedade como um todo.

As buscas foram realizadas em maio de 2022 e posterior ao levantamento bibliográfico a análise dos dados deu-se por meio de diversas leituras minuciosas e releituras dos materiais encontrados. Foram utilizados como critérios de inclusão materiais relacionados ao tema de estudo publicados entre os anos de 2015 e 2022, que fossem disponíveis on-line e gratuitos. Tendo como critérios de exclusão artigos incompletos e/ou que não contemplavam a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se como resultado, que há diversas problemáticas no que tange a assistência em enfermagem e os CPs, como evidenciado por Pereira e colaboradores (2021) que afirmam que ainda há compreensão de que os CPs por estarem relacionados a morte na percepção dos profissionais, possuem menor relevância clínica. Nesta perspectiva, Kubler-Ross (2008) afirma que os profissionais de saúde perdem muito quando evitam o doente terminal, uma vez que é um elemento indispensável da profissão compreender o comportamento humano, suas formas de adaptação, as defesas utilizadas em situações de risco e de impotência, não havendo lugar mais adequado que o leito do paciente em fim de vida para se aprender.

No estudo de Costa e Silva (2021), pode-se observar que os profissionais de nível médio em enfermagem no contexto da atenção secundária à saúde (Unidade de Pronto Atendimento) apresentam certa falta de conhecimento tanto teórico quanto prático sobre a assistência necessária em CPs, além disso, alguns demonstram forte sensibilidade em relação a temática e, apesar de saber que a morte se faz presente no dia-a-dia muitos profissionais não se consideram preparados para este momento. Tal achado caracteriza-se como preocupante, uma vez que conforme a OMS (2020), a cada ano, estima-se que mais de 56,8 milhões de pessoas precisam de CPs, sendo que destes a maioria (67,1%) são adultos com mais de 50 anos e pelo menos 7% são crianças, e a tendência é de que até em 2060 a necessidade destes cuidados quase dobre. Logo, é imprescindível que os profissionais de enfermagem, categoria tão presente e relevante nesta modalidade de cuidados, entenda o motivo de se executar CPs, bem como os seus princípios, para que assim possam ofertar a melhor assistência e suporte a população que precisa desses cuidados (FRANCO, *et al*, 2017).

Em estudo de Moraes e colaboradores (2018) evidenciou-se que os profissionais de enfermagem enfrentam conflitos internos ao prestarem assistência a pacientes sem possibilidade de cura. Nesse sentido, destaca-se que Leininger (1991) no que tange os cuidados de enfermagem, alega que pode haver cuidado sem ser para a cura. Além disso, Cicely Saunders pioneira dos CPs refuta a ideia de que para pacientes fora da possibilidade de recuperação não há mais nada a ser feito, afirmando que há sempre alguma coisa a se fazer, uma vez que, quando tratar já não é possível torna-se mais importante ainda o cuidar (ANCP, 2012).

Corroborando os achados do estudo de Moraes e colaboradores (2018), pesquisa desenvolvida por Silveira *et al* (2016), que teve como escopo conhecer os sentimentos dos enfermeiros acerca dos CPs em unidades de terapia intensiva de adultos, identificou como resultados ideias centrais relacionadas aos sentimentos de conforto, frustração, insegurança e angústia, além do sentimento de que a formação e atuação profissional estão voltados para o

curativo. Em contrapartida, Lima e colaboradores (2017), demonstram em seu estudo que para os profissionais de enfermagem os CPs são representados como um cuidado permeado de amor, cujo objetivo é aliviar o sofrimento e a dor do paciente, o que possivelmente revela uma prática de enfermagem mais humanizada e emocional.

Nessa perspectiva, Melo e colaboradores (2021) apontam como principais desafios dos enfermeiros em CPs na Atenção Primária à Saúde (APS), o desconhecimento amplo acerca desta modalidade de cuidado, visto que os profissionais pressupõem que no processo de terminalidade não se tenha mais o que fazer, insegurança para prestar esse tipo de cuidado, dificuldade de compreender a finitude da vida e em auxiliar no entendimento dos CPs pelos familiares, início tardio desse tipo de cuidado, ausência de uma equipe multidisciplinar completa e falta de apoio dos demais níveis de atenção. No estudo de Silva e colaboradores (2018), essa questão também reafirma-se onde pode-se verificar por parte dos enfermeiros, expressiva falta de conhecimento sobre os CPs e sensação de dificuldade em relação à comunicação em situações difíceis, além disso, poucos dos profissionais se consideram totalmente preparados para atender pacientes em CPs.

Anjos e colaboradores (2021), ao buscarem compreender os desafios da enfermagem na assistência paliativa no estado de Sergipe, evidenciaram que cerca de 50% dos profissionais participantes do estudo se consideraram aptos para lidar com a morte, 65% afirmaram sentir que a atuação profissional com a palição em algum momento afetou a sua vida pessoal e 85% da equipe relatou a necessidade de superar o abalo emocional e o estresse para a implementação da palição satisfatoriamente. Ainda, o estudo revelou que os enfermeiros se sentem mais afetados na vida pessoal que os técnicos e auxiliares de enfermagem, e que profissionais com menor tempo de atuação se sentem mais preparados para lidar com a morte do paciente e apresentam menor insatisfação quanto à formação profissional.

No estudo de Lopes e colaboradores (2020), a ausência de protocolos que definem e dão continuidade ao CPs e o despreparo dos profissionais na graduação são elencados como principais dificuldades perante o doente em finitude. Nesse ínterim, como já supracitado em diversos momentos, nota-se que a carência educacional acerca dos CPs acarreta na falta de preparo para lidar com as demandas enfrentadas pela equipe de enfermagem (MARKUS, *et al*, 2017).

Junior e colaboradores (2019) inferem que são os principais desafios enfrentados pelos enfermeiros na prática assistencial de CPs à pessoa idosa hospitalizada, a falta de colaboração do paciente idoso, a falta de profissionais capacitados para o cuidado, a necessidade de um

envolvimento maior de uma equipe multiprofissional e a inexistência de um protocolo operacional padrão institucional.

Segundo Pereira e colaboradores (2017), enfermeiros e gestores da APS apresentam conhecimento insuficiente sobre os CPs, mas reconhecem a importância da manutenção da qualidade de vida nesses pacientes. Tais achados corroboram com o estudo de Rodrigues e colaboradores (2017), que evidencia o déficit de atualizações sobre o assunto, principalmente para os profissionais da saúde que diariamente lidam com clientes pode estar atrelado à escassez de publicações no que concerne aos CPs. Assim sendo, julga-se relevante o processo educativo em CPs não apenas para construir espaços de reflexão acerca do tema, mas também para fomentar mudanças na forma de pensar sobre essa modalidade de cuidado, de modo a proporcionar o desenvolvimento da consciência da complexidade do ser humano e sua relação com os múltiplos aspectos biopsicossociais e espirituais, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades necessárias para a implementação dessa filosofia de cuidar (CARVALHO, *et al*, 2017).

A prática de CPs apresenta desafios de diferentes naturezas, tais como lacunas no processo de formação dos profissionais, escassez de profissionais capacitados para atender esse público, questões relacionadas diretamente à assistência de enfermagem, e ausência de diretrizes, protocolos, guias específicas para a assistência paliativa, dentre outros. Sendo assim, é evidente a necessidade de debater sobre o tema, investir em planos de ensino de disciplinas específicas, capacitações e educação continuada para os profissionais que atuam em serviços que oferecem assistência paliativa, bem como a criação de diretrizes e políticas públicas para a inserção da prática nos serviços de saúde (COUTO.; RODRIGUES, 2020). Destarte, considerando que a equipe de Enfermagem atua em todas as esferas de atenção à saúde, esta categoria profissional precisa ser protagonista no processo de inserção de uma nova filosofia de CPs, tendo em vista que é uma necessidade emergente da população (VICENSI, M, C, *et al*, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual estudo identifica que há importantes lacunas no que concerne a assistência profissional em Enfermagem no que tange os CPs, sendo apontada a necessidade de realização de novas pesquisas na temática com a finalidade de ampliar as discussões sobre o tema. A partir disso, é possível implementar vias para o manejo e redução dos desafios que ainda se mostram negativamente impactantes na prática profissional. Isso pode ocorrer por

meio de uma maior solidificação dos currículos dos profissionais de Enfermagem, com ações no âmbito de capacitações e atualizações profissionais, dada a importância que a classe profissional possui diante dos CPs, já que os profissionais da equipe de Enfermagem compõem, majoritariamente, o núcleo profissional mais próximo e íntimo do paciente durante o terminalidade da vida.

REFERÊNCIAS

ANCP. Academia Nacional de Cuidados Paliativos. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**. 2ª Ed. p.1-592, 2012.

ANJOS, T, S, *et al.* Cuidados paliativos: desafios da assistência de enfermagem no estado de Sergipe. **SAÚDE REV.**, Piracicaba, v. 21, n. 1, p. 77-87, 2021.

BAEK, S. *et al.* The most downloaded and most cited articles in radiology journals: a comparative bibliometric analysis. **European Radiology**, v. 28, n. 11, p. 4832–4838, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51520746/do1-2018-11-23-resolucao-n-41-de-31-de-outubro-de-2018-51520710>
Acesso em: 03 junho 2022.

CARVALHO, K, K, *et al.* Processo educativo em cuidados paliativos e a reforma do pensamento. **Rev. Invista Educ Enferm.** v.35, n.1, p.17-25, jan 2017.

COSTA, B, M.; SILVA, D, A. Atuação da equipe de enfermagem em cuidados paliativos. **Research, Society and Development** [S.I], v.10, n.2, 2021.

COUTO, D, S.; RODRIGUES, K, S, L, F. Desafios da assistência de enfermagem em cuidados paliativos. **Rev. Enferm. Foco.** v.11, n.5, p.54-60, 2020.

FRANCO, H, C, P, *et al.* Papel da enfermagem na equipe de cuidados paliativos: a humanização no processo da morte e morrer. **Revista Gestão & Saúde.** v.17, n.2, p.48-61, 2017.

GARCÍA, M, T, G. **Benefícios de los cuidados paliativos**. Trabajo fin de grado. Universidad de La Laguna. 2017.

GOMES, A, L, Z.; OTHERO, M, B. Cuidados Paliativos. **Rev. Estudos Avançados**. V. 30, n.88, 2016.

INSTITUTO DE SAÚDE E GESTÃO HOSPITALAR. **Protocolo: Cuidados Paliativos**. 2014. Disponível em:

<https://www.isgh.org.br/intranet/images/Servicos/Protocolos/isgh_protoco_cuidado_paliativo.pdf> Acesso em: 03 maio 2022.

JUNIOR, S, V, S, *et al.* Cuidados paliativos à pessoa idosa hospitalizada: discursos de enfermeiros assistenciais. **Rev. Enfermagem In Derme**. Ed. esp., 2019.

KLÜBER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. 9. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2008.

LENINGER, M. Culture Care Theory: A Major Contribution to Advance Transcultural Nursing Knowledge and Practices. **Journal of Transcultural Nursing**, v.13, n. 3, p.189-192, July 2002.

LIMA, S, F, *et al.* Representações sociais sobre o cuidado paliativo entre profissionais de enfermagem. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v.11(Supl. 5) p. 1980-8, maio., 2017.

LOPES, M, F, G, L, *et al.* Vivências de Enfermeiros no cuidado às pessoas em processo de finitude. **Revista Ciência Plural**. Caruaru/PE- Brasil, 2020.

MARKUS, L. A. *et al.* A atuação do enfermeiro na assistência ao paciente em cuidados paliativo. **Revista Gestão & Saúde**. 2017.

MOREIRA, W. **Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção**. n. 1º, 2º, p.21-30, 2004. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient_fico.pdf> Acesso em: 03 junho, 2022.

MELO, C, M, *et al.* Concepções, desafios e competências dos enfermeiros em cuidados paliativos na atenção primária à saúde. **Revista Nursing**. v.24, n.277, p.5833-5839, 2021.

MORAIS, E, N *et al.* Cuidados paliativos: enfrentamento dos enfermeiros de um hospital privado na cidade do Rio de Janeiro (RJ). **Rev Fund Care Online**. v. 10, n.2, p.318-325, abr/jun; 2018.

NUNES, L. Ética em cuidados paliativos: limites ao investimento curativo. **Revista Bioética**. V. 16 n.1, p. 41 - 50, 2008.

OLIVEIRA, R, G. **Blackbook Enfermagem**. 1º edição. Editora: black book, p. 816, 2016.

PEREIRA, R, S, *et al.* Conhecimento de profissionais de enfermagem sobre cuidados paliativos em unidades de internação clínica. **Rev. Enferm Foco**. v.12, n.3, p.429-35, 2021.

PEREIRA, D, G, *et al.* Significados dos cuidados paliativos na ótica de enfermeiros e gestores da atenção primária à saúde. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, v.11(Supl. 3): p.1357-64, mar., 2017.

RODRIGUES, G, G, F, *et al.* Cuidados paliativos direcionados ao cliente oncológico: estudo bibliométrico. **Rev. enferm. UFPE on line**. v. 11(supl.3): p.1349-1356, mar.2017.

SANTOS, A, F, J, *et al.* **Atlas dos cuidados paliativos no Brasil 2019**. [livro eletrônico] 1. Ed. São Paulo, ANCP, 2020.

SILVA, H, A, *et al.* Intervenções em cuidados paliativos: conhecimento e percepção dos enfermeiros. **J. Nurs. UFPE on line**. v.12, n.5, p.1325-3, 2018.

SILVEIRA, N, R, *et al.* Cuidado paliativo e enfermeiros de terapia intensiva: sentimentos que ficam. **Rev Bras Enferm**. v. 69, n.6, p. 1074-81, nov-dez, 2016.

VICENSI, M, C, *et al.* Enfermagem em Cuidados Paliativos. Florianópolis: Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina: **Letra editorial**, p. 60, 2016,

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Planning and implementing palliative care services: a guide for programme managers**. 2016. Disponível em: <<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/250584/1/9789241565417-eng.pdf>>. Acesso em: 30 maio, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Atlas of Palliative Care**. 2nd Edition. WHPCA, 2020.